

Paulo Honório versus Madalena: um casamento conflituoso

Marcos Hidemi de Lima*

Resumo: Neste artigo sobre o romance *S. Bernardo* (1934), de Graciliano Ramos, efetuam-se algumas considerações sobre o relativo vigor que a ordem patriarcal ainda dispunha nas primeiras décadas do século XX, exemplificado pelo embate entre Paulo Honório, dono de uma narrativa anti-ilusionista e representante de um código do sertão, e Madalena, mulher oriunda do espaço urbano e intelectualizada. Apoiado nalguns conceitos fornecidos por Roberto Reis, Antonio Candido e Maria Sílvia de Carvalho Franco, o estudo investiga o papel feminino dentro de um mundo masculino, subvertendo-o à medida que tenta livrar-se desse cerceamento que lhe é imposto pelo homem. O resultado da leitura do romance suscita indagações e respostas bastante pertinentes quanto ao modelo estabelecido de relacionamento entre os dois sexos, quando cada um vem de esferas sociais e econômicas diferentes, bem como quanto à relação homem/mulher, numa sociedade que se moderniza, tentando deixar as marcas do patriarcalismo para trás.

Palavras-chave: Ordem patriarcal. *S. Bernardo*. Graciliano Ramos.

Em *A permanência do círculo* (1987), Roberto Reis debruça-se sobre alguns romances brasileiros dos séculos XIX e XX e esmiúça-os sociológica e historicamente, sempre mantendo uma linha de raciocínio de revisão da historiografia literária brasileira. Ao longo da leitura de obras românticas, realistas, naturalistas e modernas, o ensaísta analisa a permanência de alguns valores patriarcais na sociedade e, conseqüentemente, seus

* Doutor em Letras (2011) pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Professor da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), campus de Cornélio Procopio. Email: marcos_hidemi@yahoo.com.br

reflexos na obra romanesca, ao se pensar que a criação literária embebe-se da realidade, seja para endossá-la, seja para contrapô-la, seja para difundir seus valores.

Fugindo à periodização por estilo de época, Reis constata que, nos últimos 150 anos, houve pouca ou quase nenhuma ruptura na sociedade que desfila nos romances brasileiros, isto é, existe uma estrutura sistêmica que, a despeito de tantas vanguardas estéticas ocorridas ao longo desses anos, continua a eleger os valores da elite nacional branca, masculina, patriarcal como paradigmáticos para a sociedade em geral, naquilo que ela tem de mais retrógrado e resistente a quaisquer mudanças.

Ao longo de seu trabalho, Reis avalia o embate de forças entre os que lideram e os que são submetidos a uma hierarquização promovida pelos primeiros. Ao analisar alguns romances oitocentistas, com destaque para algumas obras de José de Alencar, Bernardo Guimarães, Joaquim Antônio de Almeida, Aluísio Azevedo e Machado de Assis, o ensaísta apresenta a relação hierárquica existente entre senhor e escravo – este último quase como um corpo apagado na composição do texto –, e estende sua abordagem para a relação entre o branco e o índio, entre o pai e o filho, entre o homem e a mulher e entre o fazendeiro e o sertanejo. No que concerne às questões decorrentes da relação hierarquizada entre pai e filho e aquela que se dá entre o masculino e o feminino, estas acabam servindo ao autor para discorrer sobre as obras dos romancistas surgidos na esteira do regionalismo de 1930.

A mesma hierarquia, cuja dominação mantém-se eminentemente masculina, observada por Reis entre os personagens dos romances do século XIX, continua em vigência no século seguinte, mantendo-se a estrutura do estreito círculo onde se localiza o dominador. Elencando alguns escritores surgidos a partir de 1930, tais como Graciliano Ramos, José Lins

*Paulo
Honório
versus
Madalena:
um
casamento
conflituoso*

89

do Rego, Jorge Amado, Cyro dos Anjos, Lucio Cardoso, Cornélio Penna, etc., Reis assinala que a maioria deles vale-se da literatura, para tratar da “decadência dos senhores de engenho ou dos fazendeiros de café ou cacau, do patriarcalismo, do coronelismo, de um mundo agrário que desmoronou mais ou menos na virada do século e que foi sacudido pela Revolução de 30” (1987, p. 55).

Romance publicado na esteira de uma literatura de crítica social surgida nos anos de 1930, *S. Bernardo* (1934), de Graciliano Ramos, suscita indagações e respostas bastante pertinentes quanto ao modelo estabelecido de relacionamento entre os dois sexos, quando cada um vem de esferas sociais e econômicas diferentes, bem como quanto à relação homem/mulher, numa sociedade que se moderniza, tentando deixar as marcas do patriarcalismo para trás. Além disso, a narrativa apresenta o protagonista Paulo Honório no papel de um narrador combatido, principalmente por valer-se da escrita não só como forma de rememorar a esposa morta, mas também como tomada de consciência.

Na criação de uma personagem dialeticamente moderna e atrasada como Paulo Honório, capaz de transformar uma fazenda decadente num empreendimento que dispõe de máquinas eficientes, gado de qualidade, produção especializada de frutas, Graciliano Ramos confirma estar atento às transformações sociais, adotando em sua narrativa temas de composição das escolas realistas e naturalistas, interrompendo essa filiação quando traz para sua obra as contradições daqueles estilos literários.

Portanto, por meio desse narrador-personagem, cujo discurso corrobora valores do determinismo científico presentes nos romances naturalistas do século XIX, Graciliano empreende um antidiscurso no qual subjaz uma eficaz e ácida ironia contra esse tipo de literatura filiada a uma corrente excessivamente

fotográfica, conforme observa Flora Süssekind em *Tal Brasil, qual romance?* (1984). Ou seja, nesta obra Paulo Honório funciona paradoxalmente como um alter-ego do romancista, permitindo que se entreveja, através de uma leitura cerrada, uma ficção essencialmente atrelada à crítica social.

A modernidade da prosa ficcional de Graciliano, sobretudo nesse romance, retrabalhado pelo autor a fim de alcançar uma linguagem brasileira, resulta na opção do romancista por um despojamento verbal, bem como “pela sua recusa sistemática de intrusões pitorescas, chulas ou piegas, situando-se no polo oposto do populismo – tanto o vulgar quanto o sofisticado – que tem manchado tantas vezes a atitude dos fruidores da ‘vitalidade’ do homem simples” (1994, p. 404), segundo Alfredo Bosi, em sua *História concisa da literatura brasileira*.

Isso se configura seja na economia descritiva, seja no eficiente uso de gírias e expressões regionais, seja transplantando para a figura do coronel sua ácida crítica contra o atraso brasileiro, disfarçado pelo ornamento de modernas técnicas industriais convivendo lado a lado com as mais vis relações trabalhistas, além de mostrar a personagem endossando um discurso médico-higienista e filosófico ultrapassado e preconceituoso em relação à mulher, uma maneira de o literato alagoano criticar uma literatura realista incapaz de captar adequadamente a realidade.

O leitor que percorre as páginas deste romance graciliânico facilmente observa que o narrador não se compraz em descrições do espaço físico. Quando o faz, ele pretende mostrar pelo viés da praticidade sua capacidade de alterar a fisionomia do espaço em torno, sobretudo a fazenda, mediante as melhorias que ali implementa, depois que a adquiriu mediante coações do antigo proprietário, Luís Padilha, praticamente abandonada.

Suas ações pautam-se em provocar modificações no lugar

*Paulo
Honório
versus
Madalena:
um
casamento
conflituoso*

91

que ocupa, cujo objetivo final sempre se encaminha pela via da ordem econômica – em outras palavras, o ex-trabalhador do eito tornado proprietário guia-se tão somente pela desenfreada busca de obtenção de lucros, transformando a decadente fazenda em uma propriedade em que tudo e todos devem adequar-se ao ritmo da produtividade, gerando riquezas como qualquer grande empreendimento.

Não se deve estranhar, portanto, o desejo inicial de produzir o romance valendo-se da “divisão de trabalho” (RAMOS, 2004, p. 7), bem aos moldes propugnados pelo capitalismo. Em razão disso, a princípio parece que a tarefa da escrita do livro sobre sua vida parece inviável, visto que o caráter artístico, a emotividade, os sentimentos, etc. parecem não ter vez no espírito de Paulo Honório.

Ciente de seus poucos rudimentos literários, Paulo Honório chega a cogitar em ceder a escrita do romance a um *ghost-writer*, no caso, seu amigo jornalista Lúcio Gondim, manipulável o suficiente para escrever “o que lhe mandam” (RAMOS, 2004, p. 8). O fazendeiro, porém, acaba optando em ocupar-se ele mesmo da escrita, desencadeada a partir do instante em que ouve o pio de uma coruja, som lúgubre que o remete às reminiscências da companheira morta, preparando antecipada e psicologicamente o leitor para o clima pesaroso e amargo que dará tom à narrativa.

Mesmo narrando os fatos de modo a não deixar transparecer a emotividade, essa inevitavelmente surge em alguns momentos, principalmente quando Paulo Honório passa a tratar a respeito de Madalena, detonadora do estopim da sua necessidade de escrever, fórmula que o fazendeiro encontrou como meio de tentar abrandar a angústia provocada pelo suicídio da esposa, e que acaba tocando ainda na ferida aberta de sua consciência, ao se aperceber que lhe cabe grande parcela de responsabilidade no

ato desesperado de sua mulher que pôs fim à própria vida.

Inicialmente, Paulo Honório cogitava escrever (ou fazer alguém escrever por ele) uma obra em que a preocupação reduzia-se, além do nome na capa, a inserir na história “rudimentos de agricultura e pecuária” (RAMOS, 2004, p. 8), comprovando seu perfil materialista. Observa-se, porém, à medida que a narrativa flui, que sua autobiografia acaba revelando, sob a rudeza de suas palavras e ações, um aspecto humano, logo marcado pela faceta emocional. Desse narrador embrutecido brota algumas vezes uma comoção um tanto quanto contida, que acaba pincelando de certa poeticidade, ao trazer para o plano da rememoração a figura de Madalena.

Pode-se, porém, pressupor que essa aparente poeticidade do narrador não passa de jogo de cena, com o intuito de desviar a atenção do leitor da verdadeira problemática da história, qual seja, um homem que tem seus valores ameaçados pelos novos ventos da modernidade, no que diz respeito a relações entre os sexos. Sem dúvida, a identidade com os aspectos modernos entre homem e mulher corresponde à personalidade de Madalena, que na trama – mesmo com a evidente técnica de silenciamento que o narrador lhe impõe, atuando como um filtro da fala da mulher – sendo professora, intelectualizada e senhora de suas próprias opiniões, instaura a desordem no ordenamento criado por Paulo Honório, no qual pessoas, coisas e ações devem ater-se a uma funcionalidade que faça valer o capital que ele investiu.

O fazendeiro obcecado pela ascensão socioeconômica tem em mente apenas o lucro a coordenar suas ideias, obviamente enxergando os trabalhadores em geral e particularmente a esposa como indivíduos desprovidos de humanidade, meras máquinas que necessitam estar em constante funcionamento, já que essa permanência assinala a otimização da produtividade de seu empreendimento, levando-o a obter bons ganhos.

*Paulo
Honório
versus
Madalena:
um
casamento
conflituoso*

93

O sentido prático e econômico dado a tudo que cerca o poderoso coronel estende-se à sua escrita. Considerando a sua história também uma empresa à qual deve administrar para que não gere prejuízos, foi visto acima que o fazendeiro não titubeou em abandonar rapidamente a tentativa de empreender a feitura do livro por meio de tarefas divididas entre os amigos mais próximos ou utilizando os méritos do jornalista e amigo Azevedo Gondim.

Ambas as opções escolhidas por Paulo Honório para a produção do livro falham, porque o narrador não concorda com a linguagem que os amigos desejam empregar no romance, como também desiste da composição encomendada ao jornalista, considerada excessivamente artificial, sem concessões a uma fluência oral, optando, enfim, por ser o próprio escritor da obra sobre sua vida, escondendo-se por detrás de um pseudônimo, de acordo com sua afirmação no segundo capítulo.

Ora, na primeira página do livro, manifestando-se a propósito da obra que pretende escrever a várias mãos, o narrador afirma que “traçaria o plano, introduziria na história rudimentos de agricultura e pecuária, faria as despesas e poria o meu nome na capa” (RAMOS, 2004, p. 7), mostrando preocupação com a questão da autoria, que em conformidade com sua ótica de proprietário, naturalmente deve ser atribuída a si próprio, afinal financiou a publicação.

A mudança inesperada de uma obra que inicialmente seria assinada com o próprio nome para uma que se pretende oculta sob um pseudônimo traz no seu bojo uma tomada de atitude, expressa pela convicção do narrador de que existem “fatos que eu não revelaria, cara a cara, a ninguém. Vou narrá-los porque a obra será publicada com pseudônimo. E se souberem que o autor sou eu, naturalmente me chamarão potoqueiro” (RAMOS, 2004, p. 11), retirando antecipadamente da história quaisquer vínculos

com a ilusão e fingimento pertinentes à ficção.

Observa-se, ademais, que se o livro tivesse sido produzido com a cooperação dos amigos, a história certamente teria sido construída com uma pluralidade de linguagens, fazendo sobressair um texto empolado ou mais preocupado com dados técnicos de agricultura e de pecuária, escamoteando a realidade que Paulo Honório, enfim, predispõe-se a retratar.

O anti-ilusionismo da narrativa exprime, por meio do narrador-personagem, uma reação de Graciliano Ramos a um tipo de romance regionalista que havia sido produzido, entre os fins do século XIX e início do XX, preocupado excessivamente com um caráter descritivista da realidade, dando ênfase ao exotismo das paisagens, por exemplo, como se esse elemento tivesse mais importância que o enredo. No romance, não existem concessões nesse sentido, havendo perceptivelmente certa ironia crítica quanto a esse procedimento de valorar a preocupação fotográfica do fato narrado:

Uma coisa que omiti e produziria bom efeito foi a paisagem. Andei mal. Efetivamente a minha narrativa dá ideia de uma palestra realizada fora da terra. Eu me explico: ali, com a portinhola fechada, apenas via de relance, pelas outras janelas, pedaços de estações, pedaços de mata, usina e canaviais.

[...]

Hoje isso forma para mim um todo confuso, e se eu tentasse uma descrição, arriscava-me a misturar os coqueiros da lagoa, que apareceram às três e quinze, com as mangueiras e os cajueiros, que vieram depois. Essa descrição, porém, só seria embutida por motivos de ordem técnica. E não tenho o intuito de escrever em conformidade com as regras. (RAMOS, 2004, p. 88-89).

O leitor vai defrontar-se, ao longo da narrativa, com inúmeras alusões de que o texto sofre a interferência desse narrador aparentemente inculto, reforçando que sua carpintaria literária – pelo menos na aparência – deixa à mostra o madeirame da construção, evidenciando que sua história é antes de tudo um

*Paulo
Honório
versus
Madalena:
um
casamento
conflituoso*

95

romance, havendo por detrás dele uma pessoa a escrevê-lo, editando os trechos em desacordo com o que deseja expressar, retirando “dos acontecimentos algumas parcelas; o resto é bagaço” (RAMOS, 2004, p. 88), espécie de síntese de sua arte da escrita, como ousadamente confessa enquanto vai arquitetando a obra.

Se, por um lado, o narrador faz questão de apresentar os bastidores da escrita, seus percalços, suas indefinições, etc., como uma forma de opor-se à mera reprodução fotográfica dos fatos acontecidos e também de dessacralização do universo da criação literária, por outro lado, entra na composição do romance um elemento externo que remete às preocupações que se debatem no íntimo do narrador, ou seja, baldadas as várias tentativas de iniciar o livro, o pio de uma coruja desencadeia a lembrança da esposa morta e, pouco tempo depois, ao ouvir novamente a ave, repentinamente Paulo Honório resolve encarregar-se da tarefa da escrita do romance.

Provavelmente, o fazendeiro inicia a escrita do livro não só devido à atmosfera supersticiosa que envolve o animal, mas também porque a coruja atua como desencadeadora de uma narrativa confessional em que a lucidez finalmente aflora. Carregando em sua imagem várias simbologias, entre elas a da sabedoria, em muitas culturas a coruja está associada ao lúgubre, ao oculto e ao sobrenatural. No nordeste brasileiro, muitos consideram a coruja-de-igreja ave de mau agouro, pressagiadora de desgraças e mortes, sendo reconhecida em algumas regiões como rasga-mortalha, predispondo aqueles mais suscetíveis às superstições a caçá-la impietosamente e, até mesmo, a pendurá-la nas portas dos celeiros, funcionando como uma espécie de amuleto (CASCUDO, 2001, p. 571).

Em quase todas as alusões à ave feitas no texto pelo narrador, existe uma vinculação do animal à lembrança da esposa.

Tais reminiscências vêm também ligadas a uma atmosfera de temores próprios às superstições, como pode ser verificado nas seguintes citações: “Na torre da igreja uma coruja piou. Estremeci, pensei em Madalena” (RAMOS, 2004, p. 9), “um dia destes ouvi novo pio de coruja – e iniciei a composição [a escrita do romance] de repente” (RAMOS, 2004, p. 11), “Uma coruja pia na torre da igreja. Terá realmente piado a coruja? Será a mesma que piava há dois anos?” (RAMOS, 2004, p. 119), “O nordeste não sopra e os sapos dormem. Quanto às corujas, Marciano subiu ao forro da igreja e acabou com elas a pau” (RAMOS, 2004, p. 120) e “Um pesadelo. Isso. Um pesadelo. Era possível que o assobio fosse grito de coruja” (RAMOS, 2004, p. 180-181).

É viável, portanto, concluir que a recorrência à imagem da ave ao longo do texto funciona como uma espécie de recurso inconsciente e mnemônico para Paulo Honório reavivar a figura da esposa morta. Dessa maneira, o fazendeiro não se furta a revelar os bastidores da criação literária e até mesmo de seu próprio eu, a despeito de ele dar início a sua escrita por meio de recordações ligadas à esfera supersticiosa. Em outras palavras, a narrativa anti-ilusionista de Paulo Honório paradoxalmente emprega um elemento ambigualmente compreendido por ele (a imagem da coruja) como expressão da realidade.

No seu desejo de (re)semantizar o mundo rural em que vive, Paulo Honório busca em seu vocabulário de homem rude, não exatamente nas máquinas sofisticadas que adquiriu para modernizar a produção em sua fazenda, metáforas adequadas para nomear e qualificar as pessoas que ali labutam e moram; faz parte de seu discurso o emprego de expressões relacionando seres humanos a animais, como faz ao se referir àqueles que o servem ou convivem com ele:

Bichos. As criaturas que me serviram durante anos eram bichos. Havia bichos domésticos, como o Padilha, bichos do mato, como

Casimiro Lopes, e muitos bichos para o serviço do campo, bois mansos. Os currais que se escoram uns aos outros, lá embaixo, tinham lâmpadas elétricas. E os bezerrinhos mais taludos soletravam a cartilha e aprendiam de cor os mandamentos da lei de Deus.

Bichos. Alguns mudaram de espécie e estão no exército, voltando à esquerda, voltando à direita, fazendo sentinela. Outros buscaram pastos diferentes (RAMOS, 2004, p. 217-218).

Entretanto, a lente zoomorfizadora do coronel, quando foca seu olhar sobre o outro, acaba voltando-se contra sua pessoa, e a deformação que verifica em Padilha, em Casimiro Lopes e nos trabalhadores de sua fazenda – todos sem exceção considerados “bichos” – vem a ser a mesma que observa em si mesmo, um “bicho” incapaz de apreender, durante horas na capela com Madalena, a intenção desta em suicidar-se.

Naquele local ele estava somente preocupado em descobrir o que as palavras de parte de uma carta expressavam, certo apenas de que era destinada a um presumido amante, impossibilitado que estava de enxergar, em meio à névoa do ciúme, o acúmulo de mágoas da esposa que a levaria a dar à própria vida um desfecho fatal. Paulo Honório estava tão ensimesmado que só conseguia perceber certa estranheza e distanciamento nas atitudes da mulher. Ali ambos tentavam realizar um diálogo inviável entre a urbanidade e a rusticidade. Afora isso, Paulo Honório menciona o espaço rural e o urbano como dois elementos que se opõem, mesmo que ele se situe no seu entrecruzamento, passando boa parte do tempo em S. Bernardo, mas em franco convívio com sujeitos citadinos, como o são padre Silvestre, Gondim, Padilha, João Nogueira, além de frequentá-los na cidadezinha de Viçosa, bem próxima à sua propriedade.

Observa Reis que a transição “do rural para o urbano, com o corolário da plena implantação do capitalismo” (1987, p. 56) é o elemento caracterizador desse romance e Paulo Honório

“está a meio caminho entre a ordem patriarcal e a ordem capitalista, e reifica suas relações com os seres humanos, especialmente com Madalena” (1987, p. 56). De qualquer forma, o narrador valoriza bastante a vida do campo em relação aos valores urbanos, principalmente na sua representação de cultura letrada.

Paradoxalmente, a mulher com quem casa vem de Maceió, e ela representa exatamente aquilo que o fazendeiro tem em pouca conta, ou seja, a urbanidade traduzida em traquejo intelectual: Madalena é professora, escreve artigos para jornais e nutre simpatias por valores sociopolíticos contrários ao capitalismo, qualidades que desconcertam o narrador, a esperar dela um papel feminino mais tradicional, num local em que a mentalidade patriarcal apenas valoriza o universo masculino e onde a submissão da mulher torna-se uma espécie de padronização ao modo de ser e agir do universo do sexo feminino. Obviamente, um homem moldado pelo “código do sertão”, imediatamente entra em confronto com o código urbano de Madalena, ainda mais por ele julgar que os valores urbanos trazidos por ela são estranhos àquele meio, e o são de fato, impedindo-a de aceitar a violência constante de Paulo Honório.

Não significa que a violência também não seja uma prática no espaço urbano, pelo contrário, aí também ela apresenta-se como prática, todavia passível de ser coibida pela lei. Isso ocorre com o fazendeiro, quando vai a Maceió tirar ele próprio satisfações de Costa Brito, um jornalista que havia passado a extorqui-lo de maneira abusiva. Entretanto, a ação resulta em problemas para Paulo Honório, obrigado a uma série de contratempos, a fim de ver-se livre de uma atitude que, fosse feita dentro do espaço rural de onde vem, não teria nenhuma repercussão, tomada como algo comum, encarada como uma justiça que se faz com as próprias mãos, sem obrigação de dar satisfação a nenhuma instituição.

*Paulo
Honório
versus
Madalena:
um
casamento
conflituoso*

99

Tal prática, “o código do sertão” a que se aludiu acima, é bastante estudada em *Homens livres na ordem escravocrata* (1997), por Maria Sylvia Carvalho Franco, na ampla abordagem que a pesquisadora empreende, ao abordar a questão problemática dos homens livres que viveram durante a época da escravidão no Brasil. De acordo com a autora, o emprego da violência resultante da resolução de pequenas querelas entre vizinhos, entre amigos e inimigos, etc. foi fruto da inércia em que viviam homens e mulheres brancos, num espaço rural incapaz de absorver sua mão-de-obra.

Consequentemente, a ociosidade gerou certa insatisfação entre as pessoas que conviviam próximas umas às outras, circulando nos mesmos lugares, frequentando as mesmas festas, dispondo dos mesmos lazeres, exercendo seus misteres para os mesmos patrões, etc. Logo, qualquer elemento que causasse alguma forma de descontentamento (às vezes, uma brincadeira mal-interpretada também provocava a tensão), de imediato instaurava uma atmosfera de confronto, em que frequentemente havia o enfrentamento, advindo daí ferimentos e mortes.

Essa lógica em que a violência preponderava era uma espécie de lugar-comum no meio rural. Em *S. Bernardo* esse tipo de raciocínio está totalmente arraigado no narrador-protagonista como característica obrigatória no ambiente por onde circula, efeito de um amoldamento determinista e naturalista, retomado de certa literatura vigente em fins do século XIX, como bem observa Flora Süssekind, todavia transformado em libelo social, efetuada por muitos dos autores brasileiros que surgiram por volta de 1930, naquilo que a autora acima denomina de neo-regionalismo.

Retomando a questão sobre a rotina da violência na área rural, observa-se nas primeiras páginas do romance o endosso à força bruta como norma corriqueira, ocorrida num velório,

também tornado como lugar de lazer, com consequências gravíssimas:

Numa sentinela, que acabou em furdunço, abreequei a Germana, cabritinha sarará danadamente assanhada, e arrochei-lhe um beliscão retorcido na popa da bunda. Ela ficou-se mijando de gosto.

Depois botou os quartos de banda e enxeriu-se com o João Fagundes, um que mudou o nome para furtar cavalos. O resultado foi eu arrumar uns cocorotes na Germana e esfaquear João Fagundes. Então o delegado de polícia me prendeu, levei uma surra de cipó de boi, tomei cabacinho e estive de molho, pubo, três anos, nove meses e quinze dias na cadeia, onde aprendi leitura com o Joaquim sapateiro, que tinha uma Bíblia miúda, dos protestantes. (RAMOS, 2004, p. 16).

*Paulo
Honório
versus
Madalena:
um
casamento
conflituoso*

101

Diferentemente dos fatos relatados por Franco, abordando a região cafeeira do Rio de Janeiro e São Paulo, antes do século XX, quando a justiça ainda agia de maneira incipiente, dando oportunidade para que fosse feita de acordo com interesses particulares, o relato de Paulo Honório, por ele mesmo considerado como “ato digno de referência” (RAMOS, 2004, p. 16), acaba resultando em surra e prisão, e o motivo origina-se da disputa que dois homens empreendem por causa de uma mulher.

Interessa aqui o fato de que os acontecimentos ocorrem num velório (sentinela), espaço no qual se espera dos presentes um comportamento de respeito à dor dos que perderam um ente querido, mas que, num ambiente rural em que as atividades recreativas são muito escassas, acaba tornando-se o lugar não só de atividades lúdicas ou de possíveis relacionamentos amorosos, bem como o de extravasamento de uma violência contida por falta de uma motivação contra a qual rebelar-se. Ademais, independentemente da efemeridade do relacionamento estabelecido com Germana, esse ciúme contra um possível rival no jogo amoroso prenuncia o futuro Paulo Honório acometido de um ciúme doentio e violento contra a Madalena, a ponto de levá-la à morte.

Essa lógica sertaneja, cujo representante é Paulo Honório, em que pesem os novos ares do século XX, ainda mantinha válidas muitas de suas práticas e, no romance de Graciliano, embate-se com a lógica da urbanização (Madalena encarna-a bem, embora passe a viver na fazenda do marido), que se havia tornado o discurso oficial das elites. O que se percebe, no caso de Madalena, ocupante do espaço suburbano de Maceió, é que o meio urbano empurra-a além da periferia, ao inviabilizar seu projeto de tornar-se professora na capital, porque não contava e não aceitava o famigerado “pistolão”, restando-lhe a transferência para uma cidade menor.

Existe um descompasso entre o momento vivido por Madalena e a nova realidade que pouco a pouco se impunha ao país. De acordo com a narrativa, os acontecimentos sucedem-se poucos anos antes da Revolução de 1930, considerada uma verdadeira reviravolta nas velhas práticas políticas que engessavam o país, mesmo que, em verdade, tenha havido uma substituição da velha elite cafeeira por um grupo liberal, ávido por trazer a renovação, desde que os privilégios mandonistas mantivessem-se intocáveis. A propósito, observa Raymundo Faoro, em *Os donos do poder*, que essa falsa impressão de ocupação da órbita do poder pelas classes menos privilegiadas acaba reforçada com aquilo que vai ocorrer em 1930, quando os novos sopros liberais da política nacional vão promover a maquiagem e a modernização da gasta imagem do coronel rural (2001, p. 793).

Ao fazer o processo inverso do que começaria a ocorrer no Brasil, isto é, o abandono do meio rural pelo urbano, Madalena não poderia ter outro destino senão o seu silenciamento. A princípio, recém-chegada à fazenda do marido, a personagem enfatiza seu discurso moderno, politizado e urbano reivindicando melhores condições humanas ao trabalhador, inclusive voltado

para a valorização da pessoa, indo além das expectativas, pelo tom socializante de sua fala, que não era o dos novos grupos que ocupavam o lugar das velhas elites, mas de uma parcela que almejava mudanças mais radicais do que aquelas sinalizadas pelos novos tempos.

O problema decorre do fato de que a resistência da elite rural (leia-se aí Paulo Honório), em relação a uma pretensa modernização da sociedade brasileira, mostraria sua força contrária que permitiria compartilhar o poder com aqueles que se afinassem com certa imobilidade do poder, em outras palavras, haveria mudanças desde que os privilégios da política vigente permanecessem, fazendo-se pequenas concessões que demonstrassem uma aparente afinação com a modernidade.

Afinado por esse diapasão, vê-se esse contraste na fazenda S. Bernardo, em que o atraso e a modernidade caminham de mãos dadas. Dessa forma, embora as condições de trabalho sejam aviltantes, com práticas semelhantes às empregadas na época da escravidão, havia, em contrapartida, para esses mesmos trabalhadores moradias com energia elétrica e até mesmo uma escola, dando uma demão de verniz modernizante ao arcaísmo das práticas sociais.

Para o coronelismo representado por Paulo Honório, a Revolução de 1930 foi um susto, pois o movimento pretendia, na sua ânsia saneadora, pôr fim às velhas práticas do mandonismo instalado pelas cidades do país. Com o fim da República Velha, observa-se, inicialmente, um abalo na estrutura política brasileira, ancorada no setor agrário, pondo um facho de luz sobre o espaço da cidade. Há a impressão que os antigos vícios acabar-se-iam, no entanto o que realmente acontece é uma acomodação de terrenos: mantém-se a intocabilidade do poder rural, com alguns arranhões aqui e acolá, nada porém que mostrasse uma revolução social.

*Paulo
Honório
versus
Madalena:
um
casamento
conflituoso*

103

Obviamente, essas fissuras no tecido social brasileiro tornar-se-iam de agora em diante rachaduras enormes, contidas a custo por todos aqueles que concordavam que a sociedade brasileira necessitava avançar, preferencialmente, de maneira gradual; um discurso que voltaria à tona algumas décadas depois, quando novamente a elite juntamente com os militares resolveram que o país necessitava ser tutelado, diante de sua suposta incapacidade de gerir-se a si mesmo.

Dois grandes problemas, ou dilemas, seguem Madalena na sua troca da cidade pelo campo, mesmo que ela mostre-se afinada com conquistas sociais realmente provocadoras de uma alteração no cenário nacional: um deles origina-se de sua tentativa em confrontar o núcleo fraturado do espaço urbano com suas ideias avançadas, levando-se em conta que as mudanças esperadas eram mais de ordem discursiva que efetivamente prática; o outro enfrentamento, esse sim mais complexo, dá-se em relação à sua tentativa em questionar o núcleo rural, representado pela fachada moderna que o marido dá a seus empreendimentos, escondendo, entretanto, por detrás disso, um procedimento, na verdade, herdado das velhas oligarquias rurais, em tudo que ela representa de atraso e violência.

E a situação torna-se mais complexa pelo fato de a professora carrear suas ideias urbanas, reivindicadoras, para um espaço engessado, que se modernizava apenas na técnica, com o intuito de melhor obter rendimentos da mão de obra barata ali existente, desligando-se de qualquer tentativa que representasse humanização e consciência, sendo a última palavra quase que uma ameaça à integridade do presumido liberalismo do fazendeiro.

A despeito de toda essa representação da tirania de Paulo Honório, calcificado num código do sertão em que quaisquer mudanças nos hábitos e costumes chegam a ser acintosas, tal a

imobilidade como é concebida, Madalena acaba casando e convivendo com ele, travando um combate de vida e morte, até ceder a essa última, derreada pela conscientização de que seu papel de mulher moderna, à frente de convenções, acabou indo de encontro à paralisia desse mundo patriarcal.

Provavelmente, uma das poucas ações passíveis de condenar o procedimento de Madalena vem a ser esse matrimônio pautado na ausência do sentimento amoroso – que nem mesmo a convivência conseguiu produzir; pelo contrário, acirrou as diferenças entre os dois. Há, sim, nessa aceitação do casamento por parte da mulher, uma velada estratégia de sobrevivência, naquele sentido de uma prática da qual os desafortunados frequentemente lançam mão e, mais difícil de asseverar, um interesse tanto de afirmação social quanto econômica.

Em virtude disso, mal se instala em S. Bernardo, ela não titubeia em mostrar-se seriamente envolvida com questões administrativas da fazenda, condição obtida, como corretamente presume, do pacto nupcial ocorrido entre ambos, e essa atitude de proprietária causa real descontentamento no marido, seguro de que tudo que possuía havia sido obtido apenas pelo seu esforço individual, e essa sensação nova para ele desperta-o da letargia amorosa, que até então o havia tomado, contentando-se “com o rosto e com algumas informações ligeiras” (RAMOS, 2004, p. 110), suficientes, a seu ver, para ter um retrato completo da esposa.

O sentimento avassalador do ciúme, no entanto, ainda estava por vir, havendo por parte do narrador a preocupação com a ameaça de ver-se obrigado a dividir o mando com sua mulher, que, a seu ver, não enxerga as fronteiras bem nítidas que a lógica do mundo rural, ainda patriarcal, estabelece entre os componentes dos dois sexos, ou seja, total distanciamento das atividades consideradas de cunho masculino.

*Paulo
Honório
versus
Madalena:
um
casamento
conflituoso*

105

Entretanto, o fazendeiro não consegue perceber que tem diante de si uma jovem idealista que sonha com a fraternidade entre as pessoas e que cogita que ele endosse também esses valores. Isso revela a ingenuidade de Madalena, que mesmo a par da beligerância entre valores socialistas e capitalistas em voga à época, foi incapaz de fazer frente ao marido, no sentido de tentar conscientizá-lo sobre o acúmulo de tamanha riqueza mediante violenta exploração de trabalhadores.

Suas boas intenções em envolver-se no mundo do trabalho da fazenda derivam justamente desse conceito de igualdade de direitos e deveres, da divisão igualitária, etc., que viabilizariam seu projeto de conciliar o espírito capitalista do marido a uma relação mais humanizada. Esse desejo de Madalena acaba sendo rapidamente repellido por Paulo Honório, por representar uma intervenção e, numa percepção mais aprofundada, afigura-se como uma espécie de destituição do sujeito masculino de uma ordem feita para e por ele, cedendo o espaço de poder a uma nova ordem incompatível com a realidade existente.

Além disso, como ocupante do centro de decisões, o fazendeiro julga a princípio que seus códigos são eticamente válidos, que o papel feminino deve-se ater em expressar-se dentro da conformidade da esfera privada, abolindo o contato com o espaço exterior, interdito para as manifestações femininas, apenas franqueadas em locais e situações especiais, mesmo assim sob intensa vigilância.

Restaria, pois, à Madalena circular nas esferas tradicionalmente destinadas à mulher: o espaço da casa, da igreja, da escola e dos encontros sociais, onde os membros da comunidade, atendendo a preceitos morais, se valem de mecanismos de controle e de cerceamento em relação às mulheres, ações que comprovam a misoginia que se disfarçava

mediante um discurso masculino que atribuía à mulher uma fragilidade não só física, mas também de ordem psicológica; o que, de acordo com essa norma, torná-la-ia mais vulnerável às armadilhas engendradas pelos homens. Esse exercício de vigilância contava, frequentemente, com as próprias mulheres que, consciente ou inconscientemente, endossavam esses valores como se fossem seus, resultado de anos a fio de anulação de seu próprio discurso, transformado numa espécie de prática da palavra do homem.

Não se adaptando a essas expectativas nutridas pelo marido e seu meio social, constatando que o matrimônio não lhe representou uma relação de igualdade, bem como ousando empregar as mesmas armas do discurso masculino para questionar justamente as práticas dessa ordem, o confronto entre Madalena e Paulo Honório foi uma consequência imediata e esperada. É possível conjecturar que faltou a ela, enquanto ocupante da periferia, saber valer-se adequadamente das artimanhas do favor, o que lhe permitiria fazer dissimuladamente questionamentos ao poder e evitaria o enfrentamento direto com o poderoso coronel.

Verifica-se que a mentalidade patriarcal de Paulo Honório é turvada pela sensibilidade de sua mulher, e ele sequer dá-se ao trabalho de ocultar essa faceta capitalista (ou pelo menos atenuá-la), voltada tão somente para o intuito de amealhar riquezas e reproduzi-la na sua fazenda conjugando um mínimo de desperdício de energia com um máximo de produtividade. O toque de feminilidade trazido pela esposa simplesmente é desdenhado, em razão de trazer embutida a necessidade de estabelecer laços humanitários com os empregados da fazenda. Ou melhor, os valores femininos não interessam àquele mundo em que a ordem masculina demonstra ser a única com validade e respeitabilidade.

Em *Ficção e confissão* (1992), Antonio Candido observa

*Paulo
Honório
versus
Madalena:
um
casamento
conflituoso*

107

que o drama de Paulo Honório deriva de sua avidez pela propriedade, dispensando o sentimento afetivo, por conta de seu senso prático, ao tomar a resolução de contrair matrimônio. No horizonte de suas expectativas, o fazendeiro está à procura, na realidade, de uma mulher que lhe desse um herdeiro. Porém, seus conceitos começam a mudar quando se apaixona por Madalena, enquanto esta opta pelo casamento sem amor, face a sua precariedade econômica.

Com efeito, o patriarca à busca do herdeiro termina apaixonando, casando por amor: e o amor, em vez de dar a demão final na luta pelos bens, se revela, de início, incompatível com eles. Para adaptar-se, teria sido necessária a Paulo Honório uma reeducação afetiva impossível à sua mentalidade, formada e deformada. O sentimento de propriedade, acarretando o de segregação para com os homens, separa, porque dá nascimento ao medo de perdê-la e às relações de concorrência. O amor, pelo contrário, unifica e totaliza. Madalena, a mulher – humanitária, mãos-abertas – não concebe a vida como relação de possuidor a coisa possuída. Daí o horror com que Paulo Honório vai percebendo a sua fraternidade, o sentimento incompreensível de participar da vida dos desvalidos, para ele simples autômatos, peças da engrenagem rural. (CANDIDO, 1992, p. 26).

A lógica que se opera nas concepções de Madalena passa pelo apagamento das diferenças entre os detentores do poder e os desvalidos – incluindo-se ela própria nessa última condição –, maneira pela qual ela pretende estabelecer seu relacionamento com o marido; o que significa, sob outra ótica, a relação humanizada com os trabalhadores da fazenda, significando sua negativa em ser “coisa possuída”.

O erro, se é que pode ser considerado um erro, talvez um anseio utópico, que Madalena comete, advém de sua crença em querer harmonizar, logo depois de casada, seus sentimentos de igualdade social aos valores capitalistas, incompatíveis entre si, como em pouco tempo ela própria constata, diante da inflexibilidade demonstrada pelo marido em relação aos seus

empregados. Como senhora que detém o comando da casa da fazenda, as ações que busca empreender para levar mais conforto aos mais desafortunados repercutem estranhamente, porque o código que move esse espaço encravado no meio rural, espécie de paraíso às avessas criado por Paulo Honório, passa pela exploração capitalista, na qual não cabem a comiseração ou o reconhecimento.

Enfim, pode-se observar em *S. Bernardo* a instauração do conflito deriva do ciúme e a desagregação familiar nasce da incompatibilidade entre o casal. No enredo dessa obra, verifica-se que as ideias modernas de Madalena são tolhidas por Paulo Honório porque se contrapõem à mentalidade patriarcal do fazendeiro. Portanto, o ciúme despropositado é o artifício empregado pelo coronel para desqualificar a figura feminina, já que esta também apresenta o germe da transgressão, materializado em atitudes modernas, convicções diferentes das do marido, visão socializante, instrução acima da média entre as mulheres de sua época etc.

Constata-se que Paulo Honório caracteriza-se em ser uma personagem que ocupa os espaços periféricos da sociedade, ascendendo ao centro do poder sem poupar esforços ou nutrir quaisquer escrúpulos em manipular e explorar os que o cercam. Além disso, ele representa um sujeito que não se detém perante nada, sobretudo quando o objetivo vem a ser a acumulação capitalista, pouco importando se terá que mourejar de sol a sol para enriquecer, abolindo, por conseguinte, conceitos tais como a moral, a lei, o respeito pelo próximo. No romance, fica expressa a preocupação dessa personagem em reduzir tudo praticamente ao horizonte da acumulação monetária, de que não escapa nem mesmo Madalena, vista pelo marido como um investimento da qual ele espera que seja meramente a reprodutora de um herdeiro.

Para Madalena, contrair núpcias atende a expectativas

*Paulo
Honório
versus
Madalena:
um
casamento
conflituoso*

109

totalmente diferentes das que pensa o fazendeiro em relação à instituição matrimonial. Como a pobreza é um traço comum da biografia dos dois, não se pode descartar que tal condição permitiria a Madalena supor que a união entre ambos seria a representação da vitória dos humildes, da ascensão ao estreito espaço dos que detêm o poder econômico, social e político. Todavia, o encontro dos dois ocorre num momento em que o fazendeiro já é um poderoso coronel, ao passo que ela continua inserida no espaço da periferia social – marca que a diferencia e a distancia do marido.

A reversibilidade dessa situação sucede graças a uma avassaladora paixão que Paulo Honório passa a nutrir por Madalena. Ainda que irresoluta, ela opta em aceitar a proposta de casamento do fazendeiro. Para a jovem professora, casar-se representa uma estratégica forma de fugir à periferia social, ou seja, não é movida pelo mesmo sentimento desse homem que ela se deixa conduzir ao altar, mas sim por um caráter de interesse que ela não lhe oculta. Com essa atitude, Madalena age coerentemente com os valores da época, quando casamentos entre pessoas sem nenhuma afinidade eram ainda bastante corriqueiros, esperando-se o surgimento de algum sentimento afetivo entre o casal depois de certo tempo de convivência.

No entanto, uma jovem urbana, instruída e inteligente como Madalena não consegue se adaptar ao figurino de esposa nos moldes patriarcais, conforme deseja o fazendeiro. Daí para a dúvida quanto à honestidade da mulher é somente uma questão de tempo. O ciúme doentio que funciona como o eixo condutor da narrativa surge a partir do instante em que ela passa a ter atitudes transgressoras frente ao prepotente coronel. Ao constatar que jamais vai ser considerada como uma igual perante o marido, Madalena decide optar pelo suicídio a ter que se resignar a ser mais uma posse de Paulo Honório. Sua opção pela morte

demonstra ser um ato de coragem, em que deixa implícita uma atitude de questionamento a arcaicos valores de uma ordem em ruína.

Buscou-se mostrar, ao longo desse artigo, a fratura da ordem patriarcal provocada por Madalena, uma figura feminina que transgride com suas ações a aparente hegemonia masculina. Resta dizer que na hierarquizada sociedade brasileira apresentada nesse romance, com predomínio da lógica masculina e patriarcal, fica evidente que a tentativa da professora da cidade e do rude fazendeiro manter uma relação afetiva mostra-se inviável, pois não existem reais possibilidades de atenuar e mascarar o desencontro entre integrantes de segmentos socioeconômicos diferentes.

*Paulo
Honório
versus
Madalena:
um
casamento
conflituoso*

111

Paulo Honório vs. Madalena: a conflicted marriage

Abstract: This article about Graciliano Ramos' novel *S. Bernardo* (1934) raises some considerations about the relative strength still held by the patriarchal order in the first decades of the twentieth century, as exemplified by the conflict between Paulo Honório – a farmer who uses an anti-illusionist narrative and represents a hinterland code – and Madalena – an intellectual woman coming from the urban environment. Based on some concepts provided by Roberto Reis, Antonio Candido and Maria Sylvia de Carvalho Franco, this study investigates the female role in a masculine world, and its subverting power, as it tries to get rid of the restrictions imposed by men. The study of this novel presents very relevant questions and answers about the established pattern of relationships between the sexes, when each spouse comes from different social and economic spheres; it also questions the relationship between men and women in a society under a modernization process, which tries to erase the traces of patriarchy.

Keywords: Patriarchal order. *S. Bernardo*. Graciliano Ramos.

Referências

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 32. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

CANDIDO, Antonio. *Ficção e confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos*. São Paulo: Ed. 34, 1992.

CASCUDO, Luís da Câmara. 11. ed., ilustrada. *Dicionário de folclore brasileiro*. São Paulo: Global, 2001.

FAORO, Raymundo. *Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro*. 3. ed. rev. São Paulo: Globo, 2001.

FRANCO, Maria Sylvia Carvalho. *Homens livres na ordem escravocrata*. 4. ed. São Paulo: Unesp, 1997.

REIS, Roberto. *A permanência do círculo: hierarquia no romance brasileiro*. Niterói, EDUFF; Brasília: INL, 1987.

SÜSSEKIND, Flora. *Tal Brasil, qual romance: uma ideologia estética e sua história: o naturalismo*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.